

## Os alicerces de uma nova teoria da paz

Publicação: [O Mundo em Português Nº 53](#)

Data de Publicação: Fevereiro 2004

Autor: Mario Telò

Se mais de 10.000 pessoas lhe prestaram homenagem em Turim, nas cerimónias fúnebres que quis «civis, simples, sem discursos oficiais», é porque Norberto Bobbio foi não somente o maior filósofo italiano da política e do direito, mas também, durante sessenta anos, para o grande público, um filósofo militante. Mas, o que fez dele, por vezes, um estrangeiro no seu próprio país, foi a sua distância sideral da política «politiqueira» e o carácter marcadamente europeu do seu perfil intelectual e político.

Descriminado e preso por duas vezes (em 1935 e 1943) durante o fascismo, foi, depois da guerra, membro do Parti d'azione (partido da elite intelectual liberal-socialista, desaparecido em 1947) e o espírito crítico da esquerda: célebre pelos seus debates de 1954/55 com Togliatti e, nos anos 50-70, com o PCI, pela sua interpretação heterodoxa do pensamento de A. Gramsci (1967), pela sua crítica da política de Craxi em nome da moralidade política e da unidade da esquerda. Hoje, é quase universalmente reconhecido como pai espiritual e mestre do centro-esquerda italiano e, para além disso, sábio da República e do pensamento laico – ou melhor, da forma laica de conceber a vida e a moral.

A sua paixão civil era, efectivamente, solidamente ancorada numa produção intelectual de muitos títulos, uma influência testemunhada pelas dezenas de páginas que jornais italianos e internacionais lhe consagraram nestes dias. Mas lamentava que, de toda a sua obra, difundida no mundo anglófono (graças a P.Anderson) e lusófono (graças a C. Lafer), célebre em Espanha, no México, na Alemanha e traduzida mesmo em japonês, apenas fosse conhecido em França o seu best-seller contra as desigualdades, *Droite et gauche* (Paris 1995, 320.000 cópias em Itália, 23 traduções) e dois pequenos ensaios políticos, *Libéralisme et démocratie* (1996) e a sua *Introduction* ao livro de Bergounioux e Manin *La social démocratie ou le compromis* (representativo de um dos seus combates, o de ensinar a social-democracia e o liberalismo social à esquerda italiana).

Não foi suficientemente analisada a sua ligação à cultura francesa, ligada à sua profunda convicção europeia, testemunhada, por exemplo, pela fundação, no pós-

guerra da «Sociedade europeia de cultura». É certo que a sua formação intelectual tinha fortes raízes na filosofia política alemã e anglo-saxónica, mas depois dos anos 50, frequentou regularmente os colóquios organizados pelo Instituto Internacional de filosofia política da Universidade de Paris (que lhe conferiu a Laurea honoris causa) e da Universidade Livre de Bruxelas. Foi por isso que, aos 90 anos, se entusiasmou com a ideia de poder finalmente publicar em francês alguns dos seus grandes ensaios de referência sobre a história do pensamento político e a ciência política.

As obras *L'Etat et la démocratie internationale* (textos escolhidos e editados por M. Telò e traduzidos por P.Magnette, J.Vogel e N.Giovannini) e *Essais de théorie du droit* (Bruxelas, 1998), ilustram, por um lado, o grande especialista de Hobbes, Hegel, Kant, Rousseau e da Escola de direito natural, apresentada e comentada com uma clareza metodológica e um rigor lógico internacionalmente reconhecidos e, por outro lado, como bem evocou Roger-Pol Droit, os seus trabalhos sobre o positivismo jurídico, Kelsen e Perelmann.

Pelo menos duas lições teóricas de Bobbio têm uma enorme actualidade, para além da Itália e do quadro da sua existência, marcado pelos grandes conflitos do século XX. Primeiro, a sua contribuição para uma teoria geral da política, enquanto estudo que engloba as dimensões interna e externa, rompendo com as barreiras disciplinares entre ciência política, filosofia do direito, teoria das relações internacionais. Segundo, a sua visão inovadora, realista e europeia, do cosmopolitismo, um percurso paralelo ao de Habermas, mas que não esquece o realismo de Aron, com quem Rosanvallon o comparou, aquando da apresentação da sua obra na Universidade Livre de Bruxelas, em 1999.

A revista *Esprit* tomou a devida nota, abrindo o seu número de Julho de 1999 com a sua abordagem das questões candentes da intervenção humanitária e do direito de ingerência. O Kosovo e o Iraque interpelaram-no sobre a conciliação entre a sua rejeição da doutrina da «guerra justa» e a responsabilidade de garantir a protecção universal dos direitos do homem, para lá das fronteiras nacionais; como conciliar a legitimidade com a eficácia, sem a qual o sistema da ONU corre o risco de cair no descrédito. A sua dedicação ao tema da paz na era nuclear situa-se originalmente entre o idealismo e o realismo: declarava que era um realista e nunca aderiu inteiramente ao pacifismo, mas lega-nos os alicerces de uma nova teoria da paz.

A dúvida está no centro das suas últimas obras. Bobbio, que nos proporcionou uma leitura anti-historicista e actualizante dos actores clássicos, tornou-se, também ele, um clássico do pensamento política do século XX, comparável a A.Arendt, R.Aron e aos

italianos A.Gramsci e B.Croce. É aos clássicos, escreve Ítalo Calvino, que regressamos regularmente, para procurar uma solicitação e um encorajamento, fragmentos de verdade mais do que sistemas fechados. Mesmo se a teoria da democracia, a noção de paz, a ideia de uma Europa conhecedora de desafios totalmente novos, marcaram as tradições do século XX, é sobretudo um dever intelectual, maugrado a emoção e as memórias, reconhecer a grandeza da geração predecessora, especialmente do normativismo desencantado de Norberto Bobbio.